

**MAFALDA E SUSANITA: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES  
FEMININAS NAS TIRINHAS DE QUINO**

Ana Paula dos SANTOS  
(Orientadora): Profa. Dra. Terezinha de Jesus Maher

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar algumas tirinhas de Quino, procurando discutir os modos como Mafalda e Susanita constroem identidades femininas através das relações que estabelecem com a alteridade. Mais especificamente, a partir da oposição de características das personagens visaremos demonstrar o estabelecimento de estereótipos femininos, que no caso da personagem Susanita evidencia preconceito em relação a mulheres que optam por serem exclusivamente “donas de casa”. Por fim, apontamos, brevemente, algumas considerações sobre a utilização de Histórias em Quadrinhos (HQ) em sala de aula.

**Palavras-Chave:** Linguagem e Identidade; Lingüística Aplicada; História em Quadrinhos.

### **Introdução**

A primeira tira de Mafalda foi publicada, por Joaquim Salvador Lavado (Quino), no Jornal Primera Plana em 29 de setembro de 1964 e o autor continuou a publicar suas histórias até o ano de 1973.

Pode-se dizer que as histórias de Mafalda e sua turma passaram por um “processo de hibridismo cultural”, pois tanto na América Latina quanto na Europa foram necessárias adaptações lingüísticas regionais nas falas das personagens para que os quadrinhos mantivessem seu humor:

“As traduções são os casos mais óbvios de textos híbridos, já que a procura por aquilo que é chamado de ‘efeito equivalente’ necessariamente envolve a introdução de palavras e idéias que são familiares aos novos leitores, mas que poderiam não ser inteligíveis na cultura na qual o livro foi originalmente escrito” (BURKE, 2006:27).

Sem dúvida, pode-se afirmar que o humor “quiniano” nas tirinhas de Mafalda é enraizado na quebra de expectativas a respeito do comportamento infantil. Isso porque, espera-se que crianças da mesma idade da personagem principal não tenham informações sobre notícias e problemas mundiais e que ainda não possuam posturas críticas e argumentos sobre o que pretendem do futuro.

O fato de suas tiras serem em preto e branco evidenciam seu objetivo primeiro que é servir aos jornais. A ausência de cores também não incentiva a procura do público infantil por elas, o que está de acordo com seu conteúdo, que de um modo geral não é dirigido a crianças, pois apresentam questões de cunho político e social, em sua maioria abordadas pela mídia.

E é neste ambiente de crianças tratando de assuntos de adultos que Quino mistura humor e crítica, tratando desde temas como a ONU até as conseqüências do capitalismo.

### **Uma leitura crítica das Histórias em Quadrinhos**

Segundo Cagnin (1975) a leitura de Histórias em Quadrinhos (**HQ**) envolve dois momentos: em uma primeira leitura, designada **percepção**, encontraríamos o sentido denotativo dos quadrinhos. No caso das tirinhas de Quino, nesse estágio, reconheceríamos apenas duas meninas: uma morena e outra loira. Já em uma segunda leitura, partiríamos de uma percepção para uma **significação**, para um sentido conotativo: veríamos, então, não apenas duas garotinhas, mas sim Mafalda e sua amiga Susanita e, a partir daí, estaríamos prontos para “receber” a ideologia transmitida pelas personagens, ideologia essa construída em cima de estereótipos femininos:

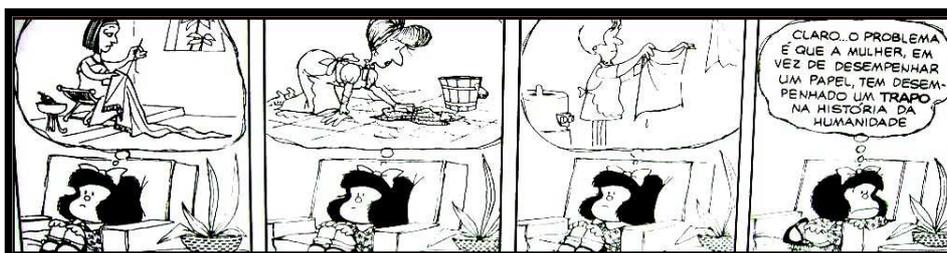
*“Estereótipo indica um modelo rígido a partir do qual se interpreta o comportamento de um sujeito social, sem se considerar o seu contexto e a sua intencionalidade. O estereótipo representa uma imagem mental simplificadora de determinadas categorias sociais. Funciona como um padrão de significados utilizado por um grupo na qualificação do outro” (OLIVEIRA, 2002, apud FLEURI, 2006: 498).*

A partir desta idéia de significação trazida pelas HQ analisaremos como se dá a construção desses estereótipos nas personagens mencionadas com o objetivo de subsidiar futuros trabalhos pedagógicos de leitura crítica de HQ. Segundo (KELLNER, 1995: 126):

*“Adquirir um alfabetismo crítico no domínio da aprendizagem da leitura crítica da cultura popular e da mídia envolve aprender as habilidades de desconstrução, de compreender como os textos culturais funcionam, como eles significam e produzem significado, como eles influenciam e moldam seus/suas leitores/as.”*

### Mafalda e Susanita: construções de estereótipos

Mafalda representa o estereótipo da mulher contemporânea, emancipada: ela é bem informada, contestadora, “revolucionária”. Está preocupada com os problemas mundiais e políticos e não com os afazeres domésticos, o que é o maior motivo de crítica em relação à sua mãe que é, freqüentemente, humilhada pela filha por não ser formada e assumir o papel de “mulher submissa”. Para Mafalda, a vida doméstica da mãe é totalmente relacionada ao seu fracasso pessoal (figuras 1 e 2):



(figura 1)



(figura 2)

Já Susanita sonha em ser mãe de muitos filhos e se casar com um homem rico e bonito, estereótipo esse que corresponde ao de uma mulher *antiquada*, que não aderiu ao movimento de liberação feminina e, portanto, não se tornou independente. Para ela a mulher não se torna inferior por assumir este papel. Susanita pensa em ser uma “senhora rica”. Essa sua postura em relação ao futuro vem acompanhada de suas características negativas, tal como ser fofoqueira e fútil. Susanita é também mostrada como egoísta e conseqüentemente alienada dos problemas mundiais, pois é egocêntrica e pensa apenas em seu futuro (figuras 3, 4 e 5):



(figura 3)



(figura 4)



(figura 5)

Sem dúvida, para se discutir criticamente a construção de identidades femininas é importante considerar as mudanças nos papéis sociais da mulher ao longo da história, tema este conhecido e discutido por muitos:

“A sexualidade feminina deixou de ser avaliada como uma função do prazer sexual masculino, as tarefas da casa passaram a ser cada vez mais compartilhadas com os

parceiros e as mulheres passaram a ocupar posições de destaque na sociedade” (THOMAZ, 1995: 433).

Para Seabra e Muszkat (1985), a mulher do século XX é obcecada pelo poder e essa postura seria uma tentativa de quebrar com o estereótipo de mulher “bela adormecida”, isto é, de mulher que estava à espera de um homem que a sustentasse - tal estereótipo foi construído através da representação da “amélia”, mulher submissa que vivia em uma sociedade de “privilégios” restritos aos homens, tais como a educação, o trabalho extra-casa e o voto . A partir dos argumentos dessas autoras, torna-se fácil identificar a Mafalda como a mulher do século XX, enquanto que Susanita seria a mulher “bela adormecida”.

### Mafalda e Susanita: relações de alteridade

Quino muitas vezes mostra quem são as personagens opondo suas posições diante de um mesmo assunto. Mafalda afirma sua identidade sempre que contraria as idéias de Susanita, e vice e versa; ou seja, elas se afirmam quando estão diante de uma identidade que não é a sua, isto é, diante do Outro, diante da alteridade (HALL, 2006) (figuras 6 e7):



(figura 6)



(figura 7)

Observe-se que, enquanto na **figura 6**, a oposição entre as duas identidades consiste no fato de Susanita demonstra interesse por ter muitos vestidos, enquanto que o desejo de Mafalda é adquirir cultura, na **figura 7** o conflito de identidades reside no fato de que Mafalda insiste em discutir política, enquanto que Susanita, que não se interessa pelo assunto, fica irritada com a amiga a tal ponto que compara-a com uma “nora”, figura que no senso comum é tida freqüentemente como alguém que sempre fala mal da sogra, da mesma forma como Mafalda está sempre criticando a política e os políticos.

É importante considerar que na construção destas identidades, as imagens das tirinhas têm tanta importância quanto o discurso verbal. Desconsiderar a análise crítica também dessas imagens é perder informações relevantes para o entendimento dos estereótipos construídos, já que:

“Ler imagens criticamente implica aprender como apreciar, decodificar, e interpretar imagens, analisando tanto a *forma* como elas são construídas e operam em nossas vidas, quanto o *conteúdo* que elas comunicam em situações concretas” (KELLNER, 1995: 109).

Nas figuras anteriores, por exemplo, nota-se que, embora o cabelo de Susanita esteja sempre arrumado, trata-se de um corte antiquado, que empresta à criança um ar “senhorio” e fora de moda, remetendo e reforçando, assim, sua imagem como de uma mulher ultrapassada. O fato de Susanita ser loira também merece destaque, já que à essa imagem de mulher antiquada soma-se o estereótipo social que propaga a idéia de que as loiras seriam menos inteligentes que as morenas. Por outro lado, o cabelo de Mafalda é mais ‘rebelde’, desarrumado, o que contribui para reforçar a idéia de que ela tem preocupações maiores do que ficar se arrumando, exatamente o que ela critica em sua mãe na **figura 2**.

### **Susanita: a instalação do preconceito**

O uso de estereótipo ao nos referirmos às personagens de Quino neste trabalho serve para afirmar que tanto Mafalda quanto Susanita correspondem a identidades já esperadas ou conhecidas socialmente, pelos menos em alguns aspectos.

Ao apresentar mais de um estereótipo feminino Quino corresponde a idéia já defendida por Souza (1999): homens e mulheres podem assumir diferentes identidades, pois sua construção não está relacionada apenas ao gênero, mas a questões sociais, políticas, econômicas. Mafalda passa sua infância ouvindo notícias de rádio, enquanto Susanita, influenciada por sua mãe, prefere as

novelas. Esse exemplo justifica muitas características das personagens: Mafalda, conhecedora de notícias sobre guerras e conflitos, torna-se crítica ao extremo, relacionando sua vida cotidiana a cada um dos problemas mundiais que escuta; já Susanita fantasia uma vida como as das atrizes de novela e considera que os problemas tão discutidos por Mafalda são na verdade algo distante da realidade. Portanto, a construção de identidades de gênero “tem que ser vista em relação a outras identidades sociais que temos [...]” (MOITA LOPES, 2002: 100).

Porém, analisando a personagem Susanita pode-se questionar se suas características negativas, tais como ser fofocqueira, invejosa e fútil surgiram devido a esta consideração de uma análise cultural e social ou se simplesmente foram empregadas como sinônimos de uma mulher que deseja ser dona de casa e mãe de família. Afinal, seriam todas as donas de casa limitadas a discutir apenas fofocas e novelas?

A tirinha abaixo evidencia esta questão:



(figura 8)

Susanita frequenta a mesma série que seus colegas que aparecem na tirinha acima e em nenhum momento é mencionado que ela teria um menor rendimento acadêmico que eles. Nada no histórico da personagem justifica que ela não seja capaz de entender uma piada e que, portanto acabe excluída de seu grupo por ser menos esperta ou inteligente.

A partir das idéias de Thomaz citadas anteriormente a respeito das mudanças históricas em relação ao papel da mulher, é possível observar que a possibilidade de trabalho e estudos afastou muitas mulheres do papel de mulher-mãe e proporcionou-lhes nova opção de vida. Porém, estaríamos vencendo o preconceito social que existia a respeito da competência e capacidades da mulher em exercer tarefas taxadas de masculinas, para aderir a um preconceito sobre suas escolhas? No lugar de ‘uma nova opção’ a mulher estaria na verdade

sendo condiciona à outra, às chamadas ‘posições de destaque’, com pena de sofrer preconceito oposto ao que sofria?

Nos exemplos que seguem podemos observar a expectativa de que a mulher opte por seguir uma carreira profissional. A escolha apenas pela vida doméstica não é tolerada:



(figura 9)



(figura 10)

A própria personagem percebe o preconceito que sofre (figura 11). Quino cria uma expectativa de que vai mostrar finalmente uma Susanita também contestadora, mas a expectativa não é preenchida e o preconceito é reafirmado:



(figura 11)

Essa tira evidencia a falta de credibilidade de Susanita perante o grupo devido aos defeitos que a excluem. Ao questionar seus colegas a respeito do valor de suas perguntas, temos na tirinha final a comprovação de que realmente sua pergunta seria fútil, atestando sua real incapacidade de formular questões a respeito de outros assuntos que não relacionados ao “príncipe encantado” que ela, enquanto mulher “bela adormecida”, espera. Como consequência de seu desejo de ser dona de casa Susanita ganha diversas limitações e características negativas. A personagem é tornada inferior, assim como são vistas as mulheres que se submetem “apenas” a vida doméstica.

Apesar da amizade entre Mafalda e Susanita, pode-se afirmar a partir do exemplo acima que “a diferença pode ser construída negativamente - por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas definidas como “outros” ou forasteiros” (WOODWARD, 2000: 50).

### **O preconceito e as críticas nos quadrinhos: como abordar as HQ em sala de aula?**

Por que trabalhar com HQ em sala de aula? Porque nossos alunos, segundo Kellner (1995: 126-127), poderão “aprender a avaliar criticamente aspectos de sua cultura que normalmente são tidos como naturais”, resistindo, assim, “à imposição de alguns papéis de modelos de gênero e de comportamento sexista e racistas”, desnaturalizando-os. Sendo assim, é importante chamar a atenção para o papel do professor em sala de aula ao escolher trabalhar com este tipo de gênero textual.

A riqueza de uso deste material em sala de aula, material este que une a leitura do visual e do verbal, já foi reconhecida até mesmo pelo pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Especificamente para o ensino de Língua Portuguesa é destacado no livro didático o uso das HQ para exemplos de variação e preconceito lingüístico, análise de contextos, sentido e coerência, entre outros. Especificamente, nas tirinhas de Quino encontramos temas relacionados a questionamentos de problemas mundiais, preconceitos e estereótipos, o que fornece ao professor um vasto material para desenvolvimento de leituras críticas em sala de aula. Kellner (1995: 125) afirma que:

“esse tipo de exercício contribui (...) para mostrar como comportamentos de gênero e outros comportamentos socialmente aprovados são construídos e coloca em questão certos modelos e tipos dominantes de comportamento.”

É preciso salientar a importância de o professor selecionar as tirinhas que mais se adequam ao nível de seus alunos: há tirinhas mais adequadas para alunos em fase de iniciação no desenvolvimento de uma visão crítica e por outro lado, há outras que se prestam melhor ao trabalho pedagógico com alunos que já a possuam em certo grau de capacidade crítica. Caso contrário o que seria tema de discussão e reflexão a partir do uso das HQ pode acabar passando despercebido e contribuindo para a construção de preconceitos e estereótipos entre os alunos.

Entretanto, é preciso destacar que a utilização de HQ se configura como um momento de lazer em sala de aula. É necessário deixar com que os alunos aproveitem este gênero textual também como diversão e que a discussão posterior à leitura seja feita de forma cuidadosa, de modo que a análise dos quadrinhos dos quadrinhos não anule este caráter de humor e conseqüentemente o prazer experimentado pelos alunos.

---

#### Referências Bibliográficas:

- BURKE, P. (2006). *Hibridismo Cultural*; tradução Leila Soares Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- CAGNIN, A. (1975). *Os Quadrinhos*. São Paulo: Ática.
- FLEURI, R.M. (2006) Políticas da Diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/es/v27n95/a09v2795.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v27n95/a09v2795.pdf) (acessado em 31/05/2009).
- HALL, S. (2006) *A Identidade Cultural da Pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- KELLNER, D. (1995). Lendo Imagens Criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA T. T. da. (org). *Alienígenas na sala de Aula*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MOITA LOPES, L. P. (2002). *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidades na sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- SEABRA, Z.; MUSZKAT, M. (1985). *Identidade feminina*. 2a ed. Petrópolis: Vozes.
- SOUZA, J. F. (1999). Gênero e Sexualidade nas Pedagogias Culturais: implicações para a Educação Infantil. Disponível em [www.ced.ufsc.br/~nee0a6/SOUZA.pdf](http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/SOUZA.pdf) (acessado em 20/05/2008).
- THOMAZ, O. R. (1995). A Antropologia e o Mundo Contemporâneo: cultura e diversidade. In: GRUPIONI, L.D.B.; SILVA, A. L. *A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: USO-Mari.
- WOODWARD, K. (2000). Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. *falta o nome do livro*. Petrópolis: Vozes.
- Imagens retiradas de:** LAVADO, Joaquim Salvador (Quino). *Toda Mafalda, da primeira a última tira*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.